

# Área da Caesb é ocupada

Sheila Messerschmidt  
Da equipe do **Correio**

Uma área de preservação ambiental da Companhia de Água e Esgoto de Brasília (Caesb), no Lago Norte, está sob a ameaça de invasores de terra. Cerca de 300 pessoas que ocuparam um terreno público ao redor da Estação de Captação Taquari, no último sábado, derrubaram as cercas e entraram ontem na área protegida. O local tem vegetação fechada e abriga mananciais importantes para o abastecimento de 45 mil moradores do Paranoá e do Lago Norte.

Os piquetes foram montados com pedaços de linha e de arame farpado por toda a localidade — conhecida como Capoeira do Bálamo. Trinta e duas estacas de concreto com a marca da Terracap foram retiradas da área da Caesb e levadas pelos invasores para demarcar os lotes. À tarde, vigilantes da empresa Brasília Segurança, que faz o monitoramento da área, perceberam o furto do material e registraram ocorrência na 9ª Delegacia de Polícia (Lago Norte).

Sérgio Rios Silva, um dos vigilantes da área, conta que a proteção do local é feita por apenas dois homens e somente durante o dia. “É uma área muito grande pra ficar de olho o tempo todo”, argumenta. Segundo ele, os mananciais estão distantes cerca de seis quilômetros do limite com o terreno público invadido.

A Caesb informou que pretende realizar uma vistoria na área na manhã de hoje, com a ajuda de policiais. O delegado-adjunto da 9ª DP, Vivaldo Neres, disse que uma equipe de peritos irá ao local para apurar o furto do material da Caesb. “O parcelamento irregular do solo cabe à Dema (Delegacia Especial do Meio Ambiente) investigar”, afirma o delegado. Os agentes da Dema devem receber hoje, da 9ª DP, o comunicado sobre a invasão.

O Serviço de Vigilância do Solo (Siv-solo) esteve no local ontem, mas nenhuma remoção foi

José Varela



ÁREA ÀS MARGENS DO PARANOÁ FOI CERCADA COM PEDAÇOS DE LINHA: LOCALIZAÇÃO ATRAI GRILEIROS E INVASORES

## ONDE FICA



feita. O diretor do órgão, coronel Benjamin Bispo, não sabe precisar o tamanho da área invadida, mas garante que a terra é pública. “Temos de fazer a retirada em no máximo dois dias. A área é muito extensa e, se outras pessoas se deslocarem para lá, o trabalho ficará mais difícil”, avalia o coronel.

Segundo o diretor do Siv-solo, apenas uma parte da área não pode ser desocupada pelos policiais. Uma liminar (decisão provisória) do Tribunal de Justiça do DF permite que João Januário Sobrinho fique numa parcela do terreno — já batizado de Fazenda Nossa Senhora Aparecida. Seu advogado é En-

nio Bastos, que também defende a permanência de invasores em outras áreas sob disputa judicial, conhecidas como Condomínio Itapuã. Os lotes ocupados ficam no limite de Sobradinho com o Paranoá (leia quadro).

A área assegurada por liminar tem uma grande porteira na entrada e está totalmente cercada. Os funcionários de João Januário enfrentaram no sábado os invasores e não permitiram que entrassem no terreno. Houve confronto e tiroteio. Três dias depois do confronto, os seguranças continuavam lá.

Segundo Paulo José Ribeiro, que trabalha há dois anos com João Januário, duas pessoas foram feridas à bala. Os invasores negam que tenham armas e mostram as cápsulas de balas recolhidas do chão, calibres 380 e 38. “Tá cheio de jagunço por aí andando armado. Estamos com medo, mas vamos ficar e lutar”, disse uma das líderes, Maria Aparecida dos Santos, 41 anos. Na manhã de ontem, novamente ouviram-se tiros.

## MEMÓRIA

### Disputa começou em julho

Os limites entre as cidades do Paranoá, Sobradinho e Lago Norte viraram território de guerra pela posse de terras. Em julho do ano passado, o local conhecido como Itapuã II, às margens da DF-250, foi tomado por moradores do Paranoá que reclamavam da demora no projeto da Expansão da cidade, barrado pelo Ministério Público do DF por risco de danos ambientais.

A disputa judicial entre a Terracap, a União e particulares, amparada pela guerra de liminares, acabou por atrair centenas de novos invasores. Duas outras áreas foram ocupadas nos meses seguintes e, o que existe no local hoje, é uma grande favela, sem saneamento ou asfalto. Luz, há, graças às gambiarras, e água, graças aos poços abertos sem critério algum. Armadilhas que, volta e meia, matam os moradores, por vezes crianças, de choque ou de queda.

Na invasão do Itapuã morreu-se também da violência. O local alçou a cidade para o triste pódio das campeãs de criminalidade do DF. Ora acerto de contas entre traficantes, ora uma briga entre vizinhos resolvida na peixeira. Se policiamento não há, da falta de transporte os invasores não reclamam. Por determinação do governador Joaquim Roriz, já existe linha de transporte para a invasão do Paranoá, reduto político do deputado distrital José Edmar (PMDB). (S.M.)

## Procuram-se lotes

Enxada na mão e sorriso no rosto, a paranaense Marlene de Sousa Cruz, 50 anos, vive dias de muito trabalho. Desde domingo ela e a irmã, Elza, 53, roçam um lote de 800 m<sup>2</sup>. Contam que moram na quadra 18 do Paranoá, de aluguel, e que já perderam a “chance” de conseguir um lote em outras invasões. Desta vez, foram rápidas. “Ouvimos que tinha gente entrando e já marcamos o nosso. Mesmo que fique menor, já vale a pena”, diz Marlene.

As irmãs são parte de um dos grupos que tomou conta, em apenas três dias, da Capoeira do Bálamo. Além de moradores do Paranoá, há ainda invasores que vêm do Condomínio Itapuã, ou-

tra área ocupada irregularmente desde meados do ano passado a poucos metros dali e que já abriga cerca de 12 mil pessoas. “Já tem gente que tá com lote lá e tá vindo aqui marcar mais terra”, conta o gaúcho Pedro Mychaleiko, 40, morador do Itapuã.

Mas a maioria dos piquetes foram montados por invasores da Associação do Movimento Democrático, formado por inquilinos da cidade de Ceilândia. “Viemos de longe porque esta terra está na mão de grileiros”, justifica a líder Maria Aparecida dos Santos. A invasão foi planejada durante a semana passada, mas a líder não revela se algum político tem orientado a associação sobre a situação da área.